

CONTRIBUIÇÕES DE GYORGY LUKACS E THEODOR ADORNO AO PENSAMENTO ESTÉTICO SOBRE ARTE E EDUCAÇÃO: DISSÔNANCIAS A PARTIR DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALETICO

CONTRIBUTIONS OF GYORGY LUKACS AND THEODOR ADORNO TO THE AESTHETIC DISCUSSION ABOUT ART AND EDUCATION: DISSONANCES FROM THE HISTORICAL-DIALECTICAL MATERIALISM

Bruna Donato Reche / IFC

Vinicius Luge Oliveira / UFR

Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva / UDESC

RESUMO

O presente texto busca contribuir com as reflexões sobre a arte e a educação trazendo elementos introdutórios de dois autores marxistas, Gyorgy Lukács e Theodor Adorno. Sua origem está nos estudos que estão sendo desenvolvidos sobre a Pedagogia Histórico-Crítica em um Grupo de Pesquisa sobre Arte e Formação Docente de uma universidade estadual. Encontramos nos autores diferentes reflexões sobre a arte; como seu potencial ontológico humanizador, em Lukács e; a necessidade de propor uma antítese ao mundo real e à estética burguesa, em Adorno. Tais diferenças, ainda que não sejam aqui aprofundadas apresentam possibilidades para a compreensão do atual estado de coisas da arte na educação escolar e nas possibilidades de resistência e superação.

PALAVRAS-CHAVE

Arte; Estética; Materialismo histórico-dialético; Gyorgy Lukács; Theodor Adorno.

ABSTRACT

This paper presents to contribute to the reflections about art and education, bringing introductory elements from two Marxist authors, Gyorgy Lukács and Theodor Adorno. It's a result to the the studies that are being developed on Historical-Critical Pedagogy in Research Group on Art and Teacher Education at a state university in Brazil. We find in the authors

different perspectives about art; while as a humanizing ontological potential, in Lukács and the requirement to propose an antithesis to the real world and to bourgeois aesthetics in Adorno. Such differences, although not discussed in depth, present possibilities for understanding the current process of art in school education and the possibilities of resistance and overcoming.

KEYWORDS

Art; Aesthetics; Historical-dialectical materialism; Gyorgy Lukács; Theodor Adorno.

Introdução

Em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels descrevem a essência do pensamento materialista histórico-dialético sobre o modo como nos tornamos humanos. A humanidade distingue-se dos demais animais pelo ato do trabalho, que possibilita a produção dos meios de existência, da vida material. A produção material dos modos de sobrevivência resulta aos seres humanos um conjunto de formas de ser e pensar diante do ato de produzir, de se relacionar com o produto e com os demais homens, logo, os autores destacam: “[...] partimos dos homens em sua atividade real, é a partir de seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital” (MARX; ENGELS, 1998, p. 19).

O homem é um ser social porque se faz com meios construídos socialmente “[...] a minha própria existência é atividade social” (MARX, 2008, p. 107), construída na relação com o outro. Nesse sentido, se “[...] O elemento do próprio pensar, o elemento da externalização de vida do pensamento, a *linguagem*, é de natureza sensível” (MARX, 2008, p. 112 – destaque do autor), os sentidos humanos – ouvir, ver, falar, sentir e outros mais dos quais a ciência ainda há de descobrir do homem onilateral, “[...] Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos [...], numa palavra o sentido humano, a humanidade dos sentidos” (MARX, 2008, p. 110) – potencialmente, desenvolvem-se em forças essencialmente humanas e, para além, objetivam-se, por meio do pensamento.

Nesse sentido, “[...] a apropriação sensível por e pelo homem da essência e da vida humanas, das obras humanas, não será concebida somente no sentido do gozo imediato, exclusivo, no sentido da posse, do ter” (MARX; ENGELS, 2004, p. 41), ao contrário, se apropria por meio do desenvolvimento de suas potencialidades objetivadas a alcançar o homem total, o homem onilateral, que é social, pois “[...] todos os órgãos de sua individualidade, como os órgãos que são imediatamente comunitários em sua forma são, em seu comportamento objetivo, em seu comportamento desde o objeto, a apropriação dele” (MARX; ENGELS, 2004, p. 41). Portanto, ao criar condições objetivas do cultivo da sensibilidade humana subjetiva, o ser humano cria, também, meios de viver a riqueza plena da essência humana e material.

Os estudos acerca do campo das Artes Visuais e o marxismo realizados em um Grupo de Pesquisa sobre Arte e Formação Docente nos Processos Políticos

Contemporâneos, vinculado a uma universidade estadual, criam uma ramificação de interesses em autores marxistas muito plural, que tem na produção da Pedagogia Histórico-Crítica o centro articulador. Essa condição origina esse texto que propõe apresentar ao leitor e leitora uma introdução em dois autores que, embora distintos, são importantes na tradição marxista.

A Pedagogia Histórico-Crítica compreende a educação como processo dinâmico de transformação, por meio da “dialética do movimento real” (SAVIANI, 2011 p. 120), procurando desvelar “[...] desde a forma como são produzidas as relações sociais e suas condições de existência até a inserção da educação nesse processo” (idem). Trata-se, portanto, de conhecer a realidade concreta, muito além de como ela se apresenta, por meio de reflexões e abstrações.

Ao enfatizar a sociedade capitalista, ressalta-se as influências que ela desempenha nos modos da educação e arte, sobretudo no que tange aos conceitos de estética. Partimos do pressuposto que, concordando com Oldrini (2019), a diversidade de abordagens sobre a arte, ou qualquer outro complexo da realidade objetiva, não enfraquece a relação do marxismo com o objeto de estudo específico, no nosso caso as artes, mas pelo contrário, a diversidade de olhares não suprime a coisa em si, mas a fortalece. E buscamos aqui introduzir dois autores decorrentes da concepção materialista da existência humana, apontando em cada caso, desdobramentos para o ensino de Arte. São eles Adorno e Lukács. Não vamos entrar no debate entre os pensadores que se materializou nos textos “Uma reconciliação extorquida” de Adorno, em 1958 e a breve resposta de Lukács no prefácio do livro “Teoria do Romance”, em 1962. O que nos interessa aqui é tão somente apresentar os autores, linhas gerais do seu pensamento e como podem ser articulados na educação e no ensino da arte em específico.

Apresentam-se duas perspectivas estéticas ramificadas do pensamento materialista-dialético de Marx e Engels, mas que se divergem quanto às proposições, a partir das obras *Introdução a uma Estética Marxista*, de 1956 e *Estética*, de 1963, de Gyorgy Lukács e *Teoria Estética*, de 1970, de Theodor Adorno. Se, para Lukács, a arte tem a função de dirimir conflitos sociais e, em uma perspectiva ontológica, é um reflexo da realidade objetiva que em suas grandes expressões conecta o indivíduo singular às grandes questões do gênero, para Adorno, a arte é um ser-em-si que, se valendo da violência, do feio e do bruto, refletem o mundo administrado e expressam a real necessidade de mudança do mundo capitalista, por meio do esclarecimento.

Contribuições de Gyorgy Lukács ao pensamento estético sobre arte e educação

A trajetória intelectual de Lukács é um desafio para seus estudiosos, teve uma fase kantiana, depois uma influência hegeliana, até que chegou ao marxismo, em meados de 1919. Chegando ao marxismo percorre um longo caminho até a escrita de seus textos principais. Caminho que o próprio busca esclarecer, quando aponta limites de muitos textos, seja na própria crítica de “História e Consciência de Classes” ou, por exemplo, no já referido prefácio ao livro “Teoria do Romance”, escrito em 1962:

Se hoje, portanto, alguém lê A Teoria do Romance para conhecer mais de perto a pré-história das ideologias relevantes nos anos vinte e trinta, pode tirar proveito de tal leitura crítica. Mas se tomar o livro na mão para orientar-se, o resultado só poderá ser uma desorientação ainda maior. (LUKÁCS, 2000, p.19)

Tomaremos como referência os escritos de sua fase final o livro Introdução a uma Estética Marxista, de 1957 e sua Estética, de 1963. Nesses textos, Lukács aponta que a arte é um reflexo da realidade objetiva que a humanidade desenvolveu ao longo de sua história. Não é de nenhuma maneira uma característica supra histórica da humanidade. Como base para seu argumento, apresenta uma série de estudos antropológicos e históricos dos milênios que a humanidade precisou para desenvolver características hoje comuns. Esse desenvolvimento teve nas necessidades cotidianas seu germe e serve para enriquecer a atuação humana na própria cotidianidade. A humanidade teve que criar reflexos, que não são cópias fotográficas, mas elaborações na consciência da realidade objetiva que existe independente da consciência dos indivíduos. Esses reflexos, com o desenvolvimento humano se complexizaram e se autonomizaram com o passar dos tempos, podemos pensar no longo caminho para a autonomização do reflexo científico e mesmo a autonomia do reflexo artístico de formas mágicas e religiosas. Nessa questão é importante salientar que autores que não são marxistas, como Belting (2012) também se aproximam dessa perspectiva, no que tange à autonomia da arte.

Essa forma peculiar de conhecer o mundo (LUKÁCS, 1966), ocorre na arte por nela haver uma síntese entre a singularidade de cada artista à universalidade, no gênero humano, das questões abordadas. As obras de Leonilson, Oiticica, Picasso, Berna Reale evocam afetos pela síntese das questões universais ao gênero humano que se articulam pelas singularidades subjetivas de cada artista. Essa evocação de afetos, sentimentos, sensações, que em Lukács é a mimese (muito diferente de uma cópia idêntica) possibilita que o indivíduo ao se relacionar com uma determinada obra de arte entre em contato com as grandes questões do gênero humano, tenha uma suspensão da relação cotidiana imediata com as coisas e consigo e enriqueça-se enquanto ser humano. Difícil não perceber a mimese, nesse pequeno trecho de

Antígona, ou em outras palavras, difícil esse trecho não evocar nada em nossa quadra histórica:

ANTÍGONA – Não é bem o que pensam os cidadãos de Argos. Não se consideram “o lado errado”, nem se sentem derrotados. Afirmam que usas o cadáver para aterrorizar os que poderiam passar para o lado deles.

CREONTE – Além de tudo andas ouvindo o inimigo?

ANTÍGONA – O povo fala. Por mais que os tiranos sejam afeitos a um povo mudo, o povo sempre fala. Fala sussurrando, amedrontado, à meia luz, mas fala... (SÓFOCLES, 2003, p.98)

Essa capacidade de realização do efeito estético, pela catarse, mesmo em um texto de 444 a.C. é que faz com que a arte possa ser política. Não porque a temática em si do trabalho seja alguma temática que se convencionou a chamar de política, mas por colocar em contato o indivíduo com o gênero humano (LUKÁCS, 2018), enriquecendo o mesmo em possibilidades de atuar na vida cotidiana.

Ainda que seja uma apresentação muito sintética das ideias do autor, elas já trazem elementos para pensarmos o ensino de Arte:

- O reflexo artístico pode permitir um contato com as grandes questões do gênero humano, a partir da mimese (evocação);

- Essa evocação possibilita a catarse, que tem um caráter desfetichizante pelo efeito estético;

- A arte será tão mais política, quanto mais sua eficácia estética ocorrer na relação entre indivíduo e obra;

A partir desses elementos muito iniciais e superficiais da estética Lukasciana podemos concluir que a importância do componente curricular Arte na escola é fundamental para a desfetichização do pensamento cotidiano e por isso a defesa da escola enquanto lugar onde deve ocorrer a transmissão-assimilação de conhecimentos (SAVIANI, 2011). Que o componente curricular Arte, mesmo nos limites concretos da prática docente, nos marcos do capitalismo contemporâneo (pouca carga horária, muitas turmas, difícil acesso à obras etc), não pode deixar de lado a visão de totalidade que envolve a arte, sua história, condições de produção e acesso e principalmente a experiência artística enquanto reflexo que desfetichiza o pensamento imediato do reflexo cotidiano. Se pensarmos que a ciência, a filosofia e a arte são reflexos que fazem a humanidade conhecer mais a natureza, a si e as razões do porquê as coisas estão assim e não de outra forma, não é difícil entender as razões que o capital tem de não pode conviver com aqueles reflexos que permitam

desfetichizar a sociabilidade (Ciências Sociais, Filosofia e Arte) e sua permanente luta por excluí-los do acesso de todos e todas na escola. Por isso que o ensino de maneira geral e o da Arte em específico, precisa estar articulado com uma estratégia geral de superação do capital.

Contribuições de Theodor Adorno ao pensamento estético sobre arte e educação

Obra não finalizada por Adorno, foi publicada em 1970 em Frankfurt sob o título *Aesthetische Theorie*, um ano após a sua morte. A edição estudada é de 2018, traduzida para o português de Portugal por Artur Morão, professor de Filosofia da Universidade Católica de Portugal e publicada pela Editora70 de Lisboa. Com ou sem a intenção, apresenta excertos em um texto único e corrido ao longo de 392 páginas, mais 149 páginas de pequenos fragmentos sobre arte e estética, que requerem uma leitura prévia sobre o posicionamento de Adorno sobre a sociedade, especialmente sobre a barbárie e o mundo administrado, que é a metamorfose do capitalismo fundamentado na racionalidade tecnológica e na Indústria Cultural (ADORNO, 2009).

Em Teoria Estética, Adorno renuncia a história da arte como consequência à história da humanidade, contrapõe pressupostos de Rousseau sobre o belo e sua relação com a natureza, Kant e Hegel em suas filosofias da arte e da estética, aponta os limites da teoria de Benjamin sobre a arte na era da reprodutibilidade técnica em relação à racionalidade estética. Ao constatar os anos de misticismo em relação à obra de arte, recorrendo à origem da aura do objeto artístico, denota a apropriação e permanência do fetiche pela burguesia na arte, preconizado em estéticas dos estilos, das formas e das técnicas, do virtuosismo e, por contradição, da alienação.

Em seu entendimento sobre história da arte, portanto, a história da humanidade aparece e engendra-se com ela como consequência das forças produtivas materiais. A arte é, “[...] ao mesmo tempo processo e instante” (ADORNO, 2018 p. 157) e, sendo assim, a verdadeira obra de arte, para Adorno, possui partes enquanto centros de forças que tendem para o todo, compondo um todo dual, antagônico da realidade material e da possibilidade de ser. Enquanto elemento distinto da realidade empírica, a arte está entre a autonomia, um eterno devir, “[...] a sua unidade é momento e não a fórmula mágica do todo” (ADORNO, 2018 p. 268) e fato social, uma necessidade social manifesta, mediante “[...] o modo da sua produção, em que se concentra a dialética das forças produtivas, das relações de produção, [e] pela origem social do seu conteúdo temático” (ADORNO, 2018 p. 340 – destaque da pesquisadora).

No entanto, na sociedade administrada, ser um fato social é ser para-outra-coisa – mercadoria – tendo nas instituições burguesas – tal como a indústria cultural

–, precipuamente, meios de concessão. É assim que se estabelece a relação funcional com a obra, com fins a serem desvendados pelo espectador que, “[...] faz um contrato com a obra de arte, para que ela se exprima” (ADORNO, 2018, p. 401). Por outro lado, no entendimento de que a força produtiva pura é contrária à força produtiva acorrentada, “[...] A arte só se mantém em vida através da sua força de resistência; senão se reifica, torna-se mercadoria” (ADORNO, 2018, p.341). Deste ponto, a nova obra de arte, enquanto fato social, “[...] Torna-se antes social através da posição antagonista que adota perante a sociedade e [...] critica a sociedade pela sua simples existência [...] é a negação determinada da sociedade determinada” (ADORNO, 2018, p. 340) e, por isso, utiliza-se dos aspectos de violência, do feio, do bruto, do escuro e da ausência de forma, como elementos recolhidos do mundo material a lhe compor, enquanto obra, resultado do processo dialético de significação do contexto social, no rompimento com a ordem, forma, técnica e com a herança estética vinculada à arte enquanto história, expressão da contradição do mundo administrado, no movimento da autonomia. Ao contrário, “[...] Quanto mais o trabalho social contido na obra de arte se objetiva e plenamente se organiza, tanto mais ela soa a oco e se torna estranha a si mesma” (ADORNO, 2018, p. 157). O produto da imaginação suscitado pela obra, portanto, pode ser imaginado na imprecisão.

A priori, Adorno (2018) critica o modo como a Estética, campo filosófico que argumenta sobre princípios e valores sociais, por meio das inovações e aprimoramentos técnicos do campo produtivo, aderidos à arte, se desenvolveu ao longo dos anos atrelados à história da arte, e também à história dos valores aristocráticos e depois burgueses, enquanto evolução dos princípios de materiais, forma e procedimentos – “[...] A definir a arte apenas se atreveram de modo simples os sistemas filosóficos disponíveis, que reservaram um nicho para todos os fenômenos” (ADORNO, 2018, p. 271). Sempre tendo como premissa o movimento histórico-dialético da obra de arte, ao longo do texto, o autor aponta a importância da obra, enquanto artefato, ao movimento dialético de criação de uma linguagem e mundo próprio artístico.

Somente quando a arte reflete o tolhimento social do contexto que lhe gera, por meio da violência, do bruto, do feio e do abstrato, como exemplos citados por Adorno (2018), ela torna-se um ser-em-si. Nas palavras do autor, ao reverberar os constrangimentos sociais que está implicada, e por isso, “[...] libertando assim o horizonte da reconciliação, ela é espiritualizada; mas esta pressupõe a separação do trabalho manual e do trabalho intelectual. Só pela espiritualização, não mediante o seu caráter natural petrificado, rompem as obras de arte a rede da dominação da natureza e a esta se conformam” (p. 416). Portanto, se “[...] Se for absolutizada, a análise imanente [da obra de arte] torna-se presa da ideologia contra a qual ela [a obra] lutava” (ADORNO, 2018, p. 273).

O feio na arte, para Adorno (2018), denuncia o mundo que o cria e se reproduz à sua imagem, enquanto expressão estética irreconciliável à subjetividade que é facilmente envolvida pela dominação do belo. Como consequência, perpetua a dominação humana sobre a natureza e demais homens, como força de sedução. O feio, portanto, além de refletir o mundo administrado, reflete a posição do oprimido e permite-lhe o esclarecimento:

Na medida em que a arte, mediante as suas formas autônomas, denuncia a dominação, mesmo a que está sublimada em princípio espiritual, e dá testemunho do que tal dominação reprime e nega. [...] Poderosos valores estéticos são libertos pelo socialmente feio: a tristeza inimaginável. [...] O veredicto estético do feio apoia-se na tendência psicológico-social verificada para equiparar o feio à expressão do sofrimento. (ADORNO, 2018 p. 82)

A arte é “[...] objetivamente *práxis* enquanto formação da consciência; ela, porém, só se torna tal ao não impor nada” (ADORNO, 2018, p. 366). Decorrente disso que a beleza, a sutileza, a identificação sublime com a obra de arte que suscita os valores nobres e incorruptíveis do indivíduo burguês conduz à alienação.

Para uma estética não subjugada ao mundo administrado, é preciso erigir-se com vistas à libertação de conceitos racionalizados, com vistas à libertação do próprio homem, de suas potencialidades, que tem também vistas à onilateralidade do mundo: “[...]. A interação do universal e do particular, que se produz inconscientemente nas obras de arte e que a estética tem de elevar à consciência, é a verdadeira necessidade de uma concepção dialética de arte” (ADORNO, 2018, p. 274).

Obra é o que diferencia de artefato por despertar emoções subjetivas. Esteve sempre atrelada à aura, ao objeto de culto, ao impulso mimético dos valores aristocráticos, ao idealismo sociocultural e, cuja estética tradicional, ocupou-se de contar a história diante de seus preceitos virtuosos. A obra sempre esteve atrelada e isso pressupõe sua privação de liberdade.

Arte é o clamor da onipotência enquanto manifestação humana. Tem linguagem própria, que é inteligível ao mundo sempre administrado, é a fagulha da humanidade. Portanto não é decifrável aos olhos da alienação e nem pretende ser. A arte indecifrável não é utilitária, mas um convite atrativo ao ser humano conectar-se com suas potencialidades e transformar o mundo também em onipotente, que é diferente de bárbarico e todas as violências que tolhem o ser humano em sua essência.

O conteúdo da verdade da obra de arte, mencionada constantemente por Adorno, é o próprio movimento dialético que a obra propõe em antítese ao mundo real e por esse motivo, é também histórica que, por sua vez, difere-se da história da

arte enredada pelos valores aristocráticos/burgueses incumbidos pela estética tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva materialista-dialética concebe o homem como o resultado da relação com o meio e com seus demais. Ao aprender a humanidade, também desenvolve seus sentidos e potencialidades, de modo a construir modos de se organizar e de se expressar. A arte é uma dessas manifestações intrínsecas à humanidade e as formas pelas quais essa expressão se materializa é organizada pela Estética, campo ontofilosófico que visa categorizar os sentidos e valores ao conteúdo e forma manifestada artisticamente pelo homem ao longo da humanidade.

O Grupo de Pesquisa sobre Arte e Formação Docentes a qual os autores estão vinculados, estuda e debate sobre as várias perspectivas estéticas e artísticas apresentadas por autores de base marxista e nesse artigo pudemos pontuar perspectivas de Gyorgy Lukács e Theodor Adorno, ainda que brevemente e sob o risco de ter deixado de apontar outros importantes fundamentos ao entendimento dos autores, diante da extensão e complexidade de raciocínio e aprofundamento de suas obras, que, apesar do materialismo sempre presente, concebem a estética e a arte de modo muito particular.

Evitando entrar nesse texto em questões específicas sobre as divergências que existem entre os autores, buscamos propiciar ao leitor ou leitora elementos para que possa aprofundar os estudos dentro do marxismo sobre a arte e a educação. Tanto Lukács como Adorno, além dos escritos do próprio Marx, podem contribuir para a compreensão do atual estado de coisas na educação escolar e apontar possibilidades de resistência e superação.

Referências

ADORNO, Theodor. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

_____. Teoria Estética. Lisboa: Editora 70, 2012.

BELTING, Hans. Imagen y Culto: Una historia de la imagen anterior a la era del arte. Madrid: Ediciones Akal, 2012.

LUKÁCS, Georg. **Estética**: la Peculiaridad de lo Estético. Vol. 1: Questiones Preliminares y de Principio. Barcelona: Grijalbo, 1966.

_____. **Introdução a uma estética marxista:** Sobre a Particularidade como Categoria da Estética. Maceió: Coletivo Veredas, 2019.

LUKÁCS, Gyorgy. **A Teoria do Romance:** um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____; _____. Educação, Formação e Trabalho. In: _____. **Textos sobre Educação e Ensino.** São Paulo: Centauro, 2004.

OLDRINI, Guido. **Os marxistas e as artes:** princípios de metodologia crítica marxista. Maceió: Coletivo Veredas, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2011.

SÓFOCLES. **Édipo Rei – Antígona.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

Bruna Donato Reche

Pedagoga e mestra em Educação pela Universidade Estadual de Londrina e doutoranda em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Professora efetiva do Instituto Federal Catarinense. Contato: bruna.reche@hotmail.com.

Vinicius Luge Oliveira

Bacharel, licenciado em Artes Visuais e mestre em Educação pela Universidade de Santa Maria e doutorando em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Professor efetivo do curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Roraima. Contato: v_luge@hotmail.com.

Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

Licenciada em Educação Artística pela Universidade do Estado de Santa Catarina, mestrado em Educação e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. É docente do curso de Artes Visuais, do programa de pós-graduação em Artes Visuais e do programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Contato: cristinaudesc@gmail.com